

SARANYANA, J.-I., **A Filosofia Medieval. Das origens Patrísticas à Escolástica Barroca.** Tradução de Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2006, 597 p. ISBN 85-89294-09-9.

por Paulo Faitanin

O livro *La Filosofía Medieval* (Pamplona: Eunsa, 2003) do renomado historiador da filosofia Dr. Josep-Ignasi Saranyana, professor ordinário da Universidad de Navarra e Diretor da revista *A nuario de Historia de la Iglesia*, ganhou excelente edição brasileira, revista e ampliada pelo próprio autor. Dr. Saranyana é muito conhecido entre seus pares no Brasil. Desde há muito vem dispensando sua generosa inteligência na investigação medieval e colaborando para a consolidação dos estudos medievais no Brasil. Membro e professor de diversas Instituições no Brasil e no mundo, aqui forma parte do *Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”*, e do Conselho editorial da *Revista Eletrônica de Estudos Tomistas*, a *Aquinate*.

A obra divide-se em quatro partes. Antecede à Primeira Parte o Capítulo I, introdutório onde se discute a transição do período helênico para o patrístico. Especial destaque ao § 5. O tema da ‘filosofia cristã’, pp.33-36 em que, com uma articulação clara e coerente, o autor resgata a importância de se conceber a filosofia deste período como sendo cristã. No § 6. que pertence a este mesmo capítulo, expõe-se o objetivo do livro, cuja proposta foi “elaborar uma exposição das características fundamentais da filosofia patrística, medieval, renascentista e escolástico-barroca seguindo um método genético-histórico... não só me interessei pela síntese filosófica de cada filósofo... mas também por aquilo que receberam de seus antecessores e pelo legado que deixaram à posterioridade”, p. 37.

A Primeira Parte, intitulada *A Filosofia Patrística*, compõe-se de três capítulos. O Capítulo II, de título *Os primeiros momentos da Filosofia cristã até 325*, discute-se e expõem-se, objetivamente, os principais elementos da Patrística, seus expoentes e personagens, pp. 43-60. Muito oportuna foi a divisão que o autor propõe, ao considerar neste capítulo a Patrística até 325, pois isto lhe permitiu condensar no Capítulo III, intitulado *O esplendor da Filosofia Patrística: do Concílio de Nicéia (325) à queda do Império Romano do Ocidente (476)*, a análise das principais doutrinas motoras do pensamento de São Gregório e Santo Agostinho. Forma parte ainda deste capítulo o estudo sobre Dionísio Pseudo-Areopagita, pp. 61-106. O Capítulo IV, *A transição do mundo Antigo ao Medieval*, destaca a Severino Boécio, embora o texto dedicado ao importantíssimo

São João Damasceno seja curto, se tivermos em conta a relevância de sua teologia para a Escolástica, pp. 107-130.

A Segunda Parte, intitulada *Da Pré-Escolástica à fundação da Universidade de Paris*, compõe-se de quatro capítulos. O Capítulo V, de título *O Renascimento Carolíngio*, discute-se e expõem-se, objetivamente, nos quatro primeiros parágrafos, pp. 131-134 as origens históricas da dinastia carolíngia. Em outras histórias da filosofia medieval têm-se dispensado menos páginas às questões carolíngias. Não obstante, aqui a consideração de autores como Alcuíno e Rabano Mauro é breve. No Capítulo VI, intitulado *A Dialética no Século XI*, é de singular importância a discussão da questão histórica da oposição entre dialéticos e teólogos. O método escolástico supõe os avanços desta discussão e se manifesta já nas investigações de Santo Anselmo, pp. 157-174. O Capítulo VII, *As Escolas Urbanas*, pp. 175-212, condensa o estudo de diversos autores como Pedro Abelardo e Hugo de São Vítor. Contudo, poder-se-ia atrelar ou manter juntos, por razões didáticas, à continuação do pensamento de Santo Anselmo o de Pedro Abelardo. Muito provavelmente o autor tem em conta a cronologia histórica dos fatos e não a didática. Por fim, completa esta parte o Capítulo VIII, *A Filosofia Medieval Árabe e Judaica*, pp. 213-252, onde praticamente dedica-se à exposição da filosofia árabe, desvelando ainda o quão pouco ainda se conhece da influência da filosofia Judaica no Ocidente Medieval. Em qualquer caso tem sido lugar comum a reduzida análise dos pensadores da cultura judaica, apesar de sua significativa importância para a teologia dogmática medieval.

A Terceira Parte, intitulada *A Filosofia da Alta Escolástica*, composto por três capítulos constitui o núcleo desta obra. O Capítulo IX, de título *A Filosofia na Primeira Metade do Século XIII*, dedica-se quase por inteiro a preparar o leitor para o apogeu da Escolástica. Muito bem preparado e didático, este capítulo torna-se fundamental para compreender a proposta original do autor de “elaborar uma exposição das características fundamentais da filosofia”, p. 37. Narra a fundação das Universidades, seu desenvolvimento, oposições doutrinárias como alavanca de seu crescimento e finaliza com a exposição do grande expoente desta época que foi Guilherme de Auvergne, pp. 255-280. No Capítulo X, intitulado *O Apogeu da Filosofia Escolástica (1240-1280)*, considera-se os três grandes expoentes deste período: Santo Alberto, São Boaventura e São Tomás, pp. 283-355. A Tomás de Aquino dedicou três parágrafos de páginas muito bem redigidas, cronologicamente bem organizadas e muito favorável para a leitura de qualquer leitor que deseja aproximar-se de sua filosofia e teologia. Contudo, a divisão temática abordou somente quatro campos do saber aquinatense: a metafísica, a ética, a gnosiologia e a política. Obviamente, por tratar-se de uma História da

Filosofia ficou de fora da exposição do autor os temas teológicos. No parágrafo dedicado à *Novidade da doutrina tomista* condensa sinteticamente as principais teses do Aquinate, com especial destaque à do intelecto, embora faltasse maior atenção à do *ato de ser*. O Capítulo XI, *A Formação das Escolas Filosóficas*, pp. 357-417, teria sido um capítulo praticamente dedicado ao estudo dos tomistas, não fosse a inserção do estudo do beato João Duns Scoto, tão longo quanto ao que foi preparado para o Aquinate.

A Quarta Parte, *A Baixa Idade Média, o Renascimento e o Barroco (1308-1640)*, composto por três capítulos, finaliza a obra. O Capítulo XII, de título *As Origens da "Nova Via"*, que na edição brasileira ganha uma especial revisão e ampliação do parágrafo dedicado ao estudo de Guilherme de Ockham, é um capítulo que norteia a filosofia moderna, demarcando suas principais questões, pp. 419-472. O Capítulo XIII, intitulado *O Renascimento*, em minha opinião já pertence à História da Filosofia Moderna. Contudo, o autor parece inserir o estudo destes autores que aí são considerados para dar conta de conformar a sua proposta original de apresentar uma História da Filosofia Medieval que se estende, em suas influências, até o Renascimento. Bem certo é que alguns especialistas em Medieval não estariam de acordo em estender tanto a influência ou o campo de atuação das principais teses da Escolástica para além dos umbrais do século XIV. Mesmo assim, o autor apresenta o último capítulo desta parte o Capítulo XIV, *A Filosofia Renascentista às vésperas da Revolução Moderna*, onde se confirma que ele somente considera o fim do medievo pelos idos do século XVI. Sem sobras de dúvidas é um capítulo belíssimo, mas que não caberia ser inserido numa 'História da Filosofia Medieval'. Mas, como muito bem articula o autor, o livro não é meramente uma 'História', embora o método seja genético-histórico, mas um livro sobre a *Filosofia Medieval*, o que lhe permite transcender os limites da gênese histórica, face uma maior influência da Escolástica no Renascimento, pp. 527-572. Neste sentido o livro do Dr. Saranyana é extremamente inovador e um marco para ulteriores 'Histórias' que se fixam no limiar das datas e não da real influência.

A edição brasileira apresenta ainda uma *Bibliografia Geral*, pp. 573-576 e um *Índice Onomástico* muito útil, embora o leitor deva estar atento à numeração, que faz referência ao parágrafo e não à página. Recomenda-se ao leitor de língua portuguesa interessado em estudos medievais, o assíduo contato com esta exuberante obra.